

## **A REPRESENTATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA ATIVIDADE PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO PIBID ARTES VISUAIS**

EMILY DA SILVA DE MOURA<sup>1</sup>; GABRIELA MAGALHÃES MONTEIRO<sup>2</sup>; RAQUEL CASANOVA DOS SANTOS WREGE<sup>3</sup>;

LISLAINE SIRSI CANSI <sup>4</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – emilymoura015@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabrielamagalhaesm@outlook.com

<sup>3</sup>EMEI Ruth Blank – raquel.wrege@hotmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – lislaine.art@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este relato de experiência busca discorrer sobre uma prática pedagógica que foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil que fica localizada em Pelotas, RS, pela professora supervisora e duas estudantes do Curso de Artes Visuais Licenciatura, integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, adjunto à Universidade Federal de Pelotas. A proposição consistiu em trabalhar nas aulas de arte, a Cultura Indígena e o Dia do Livro, junto ao Projeto de Educação Étnico Raciais (ERER). Nossos objetivos foram abordar uma artista indígena que se chama Yacunã Tuxá para dialogar sobre sua identidade e vivências enquanto mulher originária, além de elaborar fanzines, compreendidos como uma forma econômica de produzir uma revista. Desta forma, trabalhamos representatividade e aprendizados étnicos raciais, categorias conceituais contemporâneas, essenciais para extinguir preconceitos que são relacionados aos povos originários.

Como caminho teórico-metodológico serão utilizados o conceito de Arte na Infância de acordo com a autora BARBIERI (2012) e o desenvolvimento do grafismo infantil segundo a autora DERDYK (2020). A prática pedagógica seguiu conforme a experimentação das discentes, durante a atividade percebemos grande entusiasmo das crianças que foram protagonistas em suas colagens, a partir da escolha e organização de imagens. Durante o processo, estimulamos que as crianças acrescentassem intervenções gráficas, também incentivamos que elas nomeassem seus fanzines. Dessa forma, surgiram títulos como “eu e minha mãe indo para a floresta”, “Floresta domestical”, “Sapequinhas”, “Uma princesa chamada Cinderela”, entre outros.

Como resultado verificamos que trabalhar a representatividade na escola é potente e necessário, mesmo não tratando a história das tentativas de apagamento que os povos originários sofreram, é possível abordar o assunto de uma forma que possamos apresentar a cultura visual de um povo com respeito e demonstrando a importância de dialogarmos sobre diversas culturas.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

As aulas foram realizadas em uma Escola Municipal de Educação Infantil que contém 8 turmas, entre os turnos da manhã e tarde, que atende crianças de pré 1, de 3 a 4 anos, e pré 2, de 5 a 6 anos. Nossas proposições de práticas

pedagógicas foram: conversar sobre obras, dialogar sobre a vida da artista, explorar a contação de história, organizar os espaços em seu fanzine e trabalhar recorte e colagem. Para o seu desenvolvimento apresentamos a artista Yacunã Tuxá e suas obras, quatro colagens digitais que retratam mulheres e crianças indígenas, quais sejam, “Remando em águas de saudade”, “Caídos no tempo espaço Juremá”, “A montanhosa mulher sonhava” e “Filhas da terra e suas resistências invisíveis I” ilustrações de 2020. Em sua obra a artista discute questões sobre sua identidade e suas raízes, utilizando de diferentes linguagens artísticas e recursos gráficos, como a pintura, a ilustração e a escrita de palavras-memórias. Ela pesquisa para aguçar seu olhar quanto às produções artísticas feitas por indígenas do Nordeste, para compartilhar suas vivências de mulher originária.

Para abordar as categorias conceituais das obras da artista, perguntamos o que chamava atenção das crianças, e conversamos sobre os elementos que elas apontavam ser interessantes nas imagens. Para iniciar a atividade prática conversamos sobre o conceito do fanzine: apresentamos um livro feito com dobraduras em um papel sulfite branco A4, de baixo custo. Em seguida, mostramos revistas diversas e explicamos que para fazer a atividade elas iriam escolher os elementos visuais que desejam mostrar em seu fanzine, podendo ser animais ou características de seu cotidiano para apresentar uma história, assim como a artista expõe em suas obras. Durante a apresentação da artista Yacunã Tuxá e de suas obras, as crianças participaram discutindo todos os elementos visuais que nós apontamos e que lhes chamavam atenção, assim foi possível ir relacionando os elementos com a vivência da artista. No momento da atividade prática as crianças interagiram com os materiais de modo satisfatório. Observamos um processo de criação atento e interessado, com a escolha de muitas imagens. Aos poucos, no tempo da criança, a organização da paginação foi ocorrendo. Observamos que um aluno estava desanimado, mas conforme conversávamos ele foi se interessando pela atividade.

No decorrer da aula fomos estimulando a conversa com os alunos, buscando explorar a intencionalidade na construção da história que pretendiam contar. Eles compartilharam as ideias que tiveram a partir das imagens que estavam sendo recortadas, ouvimos comentários como “uma princesa chamada Cinderela, Ariel e a fada” e “eu e minha mãe indo para a floresta”. Finalizando a atividade, buscamos os títulos que seriam atribuídos aos Zines, tivemos respostas interessantes como “Floresta domestica”, “A minha mãe estuda”, “Sapequinhas” e “Alguém indo ver o Batman aí Júpiter apareceu”.

Esses títulos escolhidos pelas crianças surgiram a partir de seu imaginário, seu cotidiano e pelas obras da artista que apresentamos, o título que se chama “Alguém indo ver o Batman aí Júpiter apareceu” foi escolhido a partir de uma imagem do batman que o aluno escolheu e uma imagem do planeta Júpiter que o aluno achou em uma revista, essa imagem remeteu à obra “Caídos no tempo espaço Juremá” que mostra uma lua vermelha e pessoas remando em um rio, da artista Yacunã Tuxá. Dessa forma, as colagens proporcionaram a contação de história na escola, a reflexão sobre as vivências da artista e a vivência das crianças e fazendo relação entre diferentes culturas visuais. Nesse contexto, é importante destacar a proposição de Barbieri (2012) em considerar que a arte infantil é um meio para que a criança construa sentidos sobre sua realidade e exercite sua expressividade dentro do espaço escolar. Além disso, Derdyk (2020, p. 93) reforça essa perspectiva ao afirmar que:

(...) o desenho, bem como as outras linguagens expressivas, é uma atividade do imaginário. A representação pode estar fortemente aliada a um desejo expressivo de captar e de se apropriar desses conteúdos sob a forma de signos gráficos, reapresentando novos significados. A criança, ao agilizar os conteúdos do imaginário, contracenando com os elementos da realidade física e cultural, inventa e repete figurações, configurações gráficas.

Além disso, fizemos uma “exposição” dos trabalhos realizados no pátio da escola. Os alunos compartilharam suas histórias uns com os outros, proporcionando um momento de troca e um olhar mais atento ao que tinham produzido.

Com tudo isso, notamos que as obras da artista Yacunã Tuxá foram referências de sua arte e vivência de mulher originária, sendo assim, foi possível levar suas colagens digitais como referencial visual e a partir disso exploramos o universo infantil com as perguntas e falas das crianças quanto ao que apresentamos e trabalhamos na atividade pedagógica.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade desenvolvida evidenciou o valor da Arte enquanto conhecimento sensível e inclusivo na educação de crianças pequenas. Por meio do contato com a artista indígena Yacunã Tuxá, que expressa sua vivência enquanto mulher originária, as crianças foram estimuladas a reconhecer e apreciar distintas formas de manifestação cultural e artística.

A experiência também demonstrou, de forma satisfatória, o interesse positivo dos alunos ao serem convidados a criar narrativas visuais e compartilhar suas escolhas durante a roda de conversa na exposição, explorando os sentidos e ampliando sua compreensão sobre as visualidades desenvolvidas pelos colegas.

A partir dos resultados reafirmamos a potência da arte na infância como experimentação, expressão e diálogo.

Desta forma, reforçamos que a representatividade é crucial desde a primeira infância para combater à discriminação e trabalhar com inclusão para que o ambiente escolar possa ser igualitário e respeitoso. Além disso, é muito importante desmistificar preconceitos e elevar a auto estima das crianças, sobretudo dar visibilidade às diversas culturas que fazem parte da nossa história.

Por fim, esta proposta realizada em parceria entre o PIBID e a escola contribuiu tanto para o desenvolvimento das crianças quanto para a formação das futuras docentes em Artes Visuais, aproximando da realidade escolar e favorecendo a criação de práticas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas. Defendemos que a presença da Arte no currículo escolar deve estar

comprometida com a diversidade, o reconhecimento e o direito universal à expressão cultural.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 3. ed. São Paulo: Panda Educação, 2020

BARBIERI, Stela. **Interações**: Onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Programa Convida: Yacunã Tuxá | IMS** Quarentena. Disponível em: <https://ims.com.br/convida/yacuna-tuxa/>. Acesso em: 11 maio 2025.

PRÊMIO PIPA. **Yacunã Tuxá - Prêmio PIPA**. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/yacuna-tuxa/>. Acesso em: 11 maio 2025.

GALERIA PARALELA. **palavras\_exposição | galeriaparalela**. Disponível em: <https://www.galeriaparalela.com/palavras-exposicao>. Acesso em: 11 maio 2025.